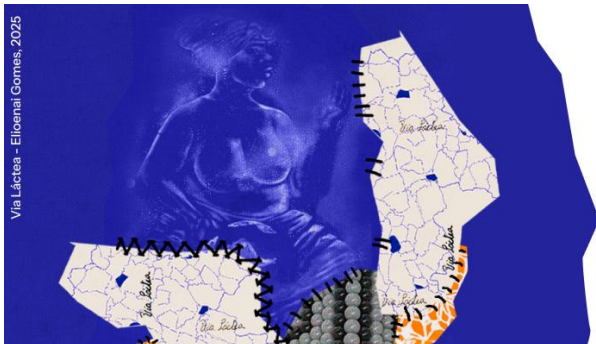




ENVEREDANDO A FORMAÇÃO DOCENTE: ENCONTROS COM VIVÊNCIAS ESTÉTICAS, ARTÍSTICAS E SENSÍVEIS

Edilane Oliveira da Silva¹ – UNIRIO/SME-RJ

Michelle Dantas Ferreira² – UNIRIO/SME-RJ

Adrianne Ogêda Guedes³ – UNIRIO

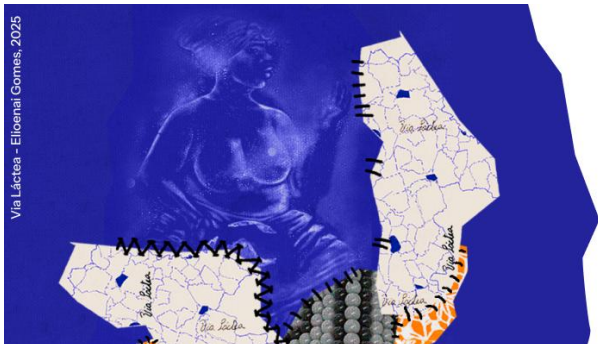
O resumo aqui apresentado tem como objetivo central compartilhar uma pesquisa de Doutorado em andamento, vivenciada na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEdu. Busca-se mergulhar nos meandros de dois cursos de extensão ministrados em 2024 e 2025 pelo Grupo de Pesquisa Formação e Ressignificação do Educador: Saberes, Trocas, Artes e Sentidos (FRESTATS), coordenado pelas professoras Adrianne Ogêda Guedes e Priscila Menezes, ambas da referida universidade. Somos três professoras, sendo Edilane e Michelle professoras da Educação Básica do município do Rio de Janeiro e doutorandas do PPGEdu e a Adrianne, professora universitária e orientadora da referida pesquisa.

Os cursos integram a pesquisa central do grupo citado acima, que, a partir da escuta sensível e ampliada das narrativas docentes que emergiam no cotidiano em diferentes âmbitos, teve como iniciativa investigar o adoecimento docente, tendo como

¹ Doutoranda em Educação (UNIRIO), Pesquisadora no Grupo FRESTATS (UNIRIO) e Professora da Educação Básica na rede pública municipal do Rio de Janeiro (SME-RJ), atuando atualmente como Professora Articuladora em uma Creche da Zona Sul da cidade. Graduada em Pedagogia (UERJ), Mestra em Educação (UNIRIO) e Especialista em Educação Infantil (UFRJ). *E-mail:* oliveiraedilane62@gmail.com

² Doutoranda em Educação (UNIRIO), Pesquisadora no Grupo FRESTATS (UNIRIO) e Professora da Educação Básica na rede pública municipal do Rio de Janeiro (SME-RJ), atuando atualmente como Gestora em um EDI da Zona Oeste da cidade. Graduada em Pedagogia (UERJ) e Mestra em Educação (UNIRIO). *E-mail:* michaduda@yahoo.com.br

³ Professora Adjunta, Coordenadora do Grupo de Pesquisa FRESTATS e da Pós-graduação em Educação na UNIRIO. Graduada em Psicologia (UFRJ) e Pedagogia (UCAM), com mestrado e doutorado em Educação, ambos pela UFF. Especialista em Alfabetização (UFRJ), Docência do Ensino Superior (UNIRIO) e Educação Infantil (PUC). Colaboradora nos Grupos de Pesquisa FIAR (UFF), CorPes (UFRJ) e GiTaKa (UNIRIO). *E-mail:* adrianne.ogeda@gmail.com

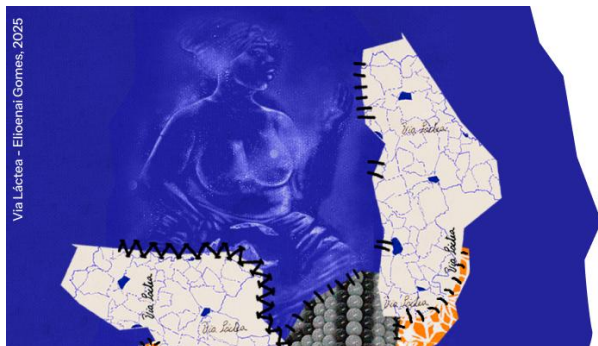


ponto de partida as relações de cuidado. Para isso, o grupo tem escutado, investigado e promovido ações, como o próprio curso, que têm como pilares para as (des)formações: a arte, o corpo e a formação docente, tendo como princípios inegociáveis o sonho, o encantamento, o cuidado e a escuta.

O primeiro encontro presencial do curso aconteceu na UNIRIO, no dia 3 de agosto de 2024, das 9h às 13h, com o tema: Samba, Corpo e Educação. Foram realizados mais sete encontros presenciais na referida universidade e um externo, na Quinta da Boa Vista, totalizando nove encontros presenciais quinzenais e seis assíncronos, com o envio de propostas. As proposições não presenciais eram enviadas até a quarta-feira subsequente ao encontro, pelo Google Sala de Aula e pelo grupo de WhatsApp, pois, eram artesanizadas a partir do vivido. Neste contexto, entendemos e estamos imersas em um processo de Pesquisa-formação (Longarezzi; Silva, 2013), já que o vivido fornecia insumos, nutrientes potentes que encorpam a pesquisa, e, nesse movimento circular, nos formamos e (des)formamos continuamente. Caminharemos pelas veredas das metodologias minúsculas (Guedes; Ribeiro, 2019), urdindo os fios via pesquisa Narrativa (Conelley; Clandinin, 2015).

Em 2025, estamos ofertando uma segunda versão do curso, com mais oito encontros presenciais e um assíncrono, entre os meses de setembro e novembro, com um diferencial: permanecemos com o mesmo grupo de cursistas, atendendo aos pedidos feitos ao final do curso de 2024, para que pudessem prosseguir. Assim, a partir de uma escuta atenta e ampliada, compreendemos que seria importante esse reencontro após um tempo de decantação das experiências vividas. Em resumo, no total, foram/estão sendo vinte e três encontros, sendo quinze presenciais e sete assíncronos.

Temos nos inspirado nas escritas e defesas políticas e poéticas. Rufino (2023), que com rigor e astúcia afirma que a Educação precisa dar errado, pois até agora o que deu certo, não tem funcionado muito bem. Ou seja, precisamos pluralizar nossa Educação, entremeando diferentes modos de produzir saberes e conhecimentos, rompendo com um currículo único e de uma mesma história (Adichie, 2019).

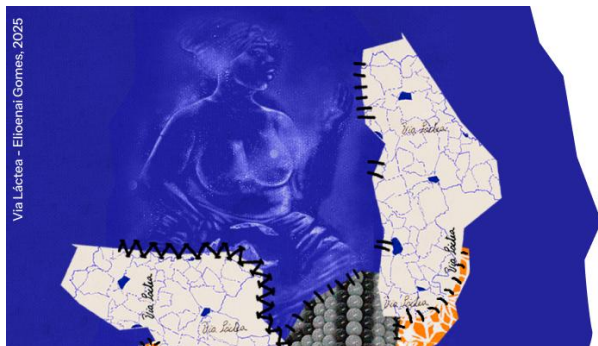


Ressaltamos aqui, que não queremos e não acreditamos que devemos jogar tudo fora, muito pelo contrário, acreditamos na abertura de caminhos e novas veredas, para que outras epistemologias tenham espaço, vez, voz e, sobretudo, reconhecimento, pois sabemos, que ao dar errado, na perspectiva de Rufino (2023) desmantelamos as estruturas que nos mantêm reféns de lógicas unívocas de produção de saberes e conhecimentos, já que não precisamos aniquilar o outro para sermos reconhecidos.

O caráter cosmopolita, não exclui a existência do outro, convida para o diálogo, pois não nos afirmamos negando-a, muito pelo contrário, acredita-se na potência da pluralidade de conhecimentos e saberes, ao “[...] primar pela coexistência, pela alteridade e por entender que a vida é radical ecológico, a lógica do encanto não exclui experiências ocidentais como contribuições para a potencialização da vivacidade.” (Simas; Rufino, 2020, p. 8). Contudo, exige que às demais contribuições sejam dadas as devidas referências e reverências.

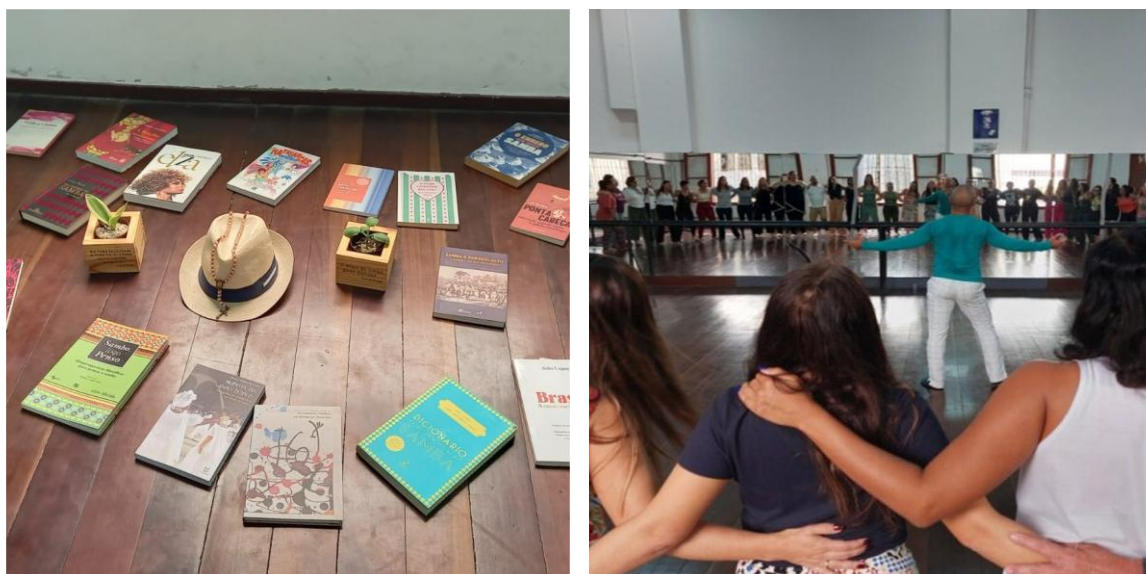
Assim sendo, temos, buscando produzir uma tese de doutorado que prime pelo diálogo, que se alimente da pluralidade de conhecimento, que reconheça os diferentes saberes partilhados e que encontre na arte e no corpo nutrientes para o (re)encantamento de corpos docentes. Compreendendo que “[...] o encantamento dribla e enfeitiça as lógicas que querem apreender a vida em um único modelo, quase sempre ligado a um senso produtivista e utilitário” (Simas; Rufino, 2020, p. 09). O tensionamento dos autores nos convoca a debruçarmos e mirarmos nossas lentes para a Educação, mais especialmente para as formações, ou seriam formatações, que copiam modelos/pacotes únicos para todos e qualquer um, para serem replicadas? E o contexto, as territorialidades, o chão... quem escuta? E o corpo, onde fica? Engessado, imóvel, compartimentalizado? Por isso, concordamos com o Nóvoa (2009), quando diz que precisamos devolver a formação às/aos professoras/es, e acrescentamos que a toda comunidade pedagógica.

A Tese buscará partilhar as ressonâncias tecidas nos cursos por meio da Cartografia, construída a partir do material produzido ao longo dos encontros – narrativas visuais, orais e escritas –, que tem como premissa o corpo, a arte e os

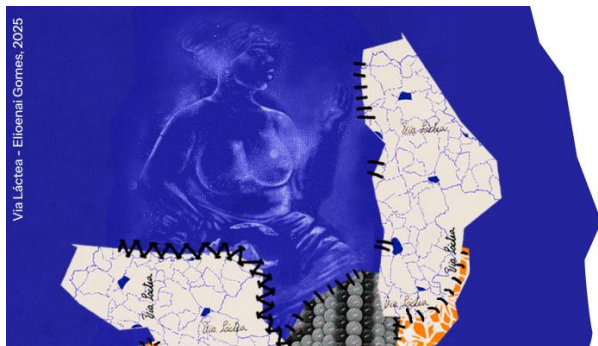


gestos, por meio da constituição de um ethos do cuidado, de um grupo de professoras sedentas por uma Educação/formação que não esteja dando certo, ratificando a perspectiva apresentada por Rufino (2023). Assim, estamos transpondo barreiras, borrando contornos, em busca de ofertar (des)formações que partam da Educação sensível, que convoquem os sentidos de corpo inteiro, as ancestralidades e suas diferentes histórias. Sentimos que o encantamento está em caminhar por (des)formações que toquem em cada uma/um de modo singular, já que cada pessoa é única e repleta de uma multiplicidade de histórias, mas que se engaje coletivamente na luta pelo encantamento, tendo como base princípios coletivos, lutando bravamente contra o individualismo que o sistema capitalista tem imputado em nossa sociedade. Eduardo Galeano (2002) afirma que somos grávidos de muita gente, ou seja, somos constituídos por uma constelação de pessoas, como nos convoca Krenak (2019). Sendo assim, a convocação é a de que provoquemos as constelações a criarem juntas, movimentos outros de nos educarmos.

Figura 1 – Curso de Extensão 2024

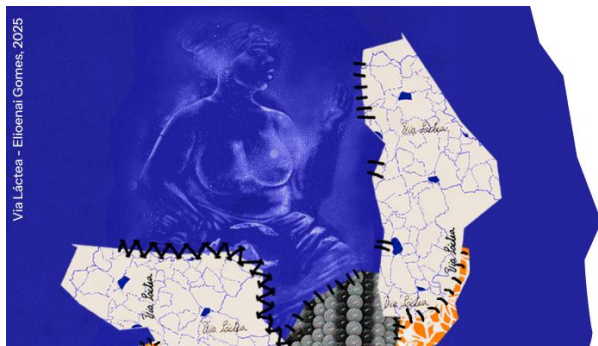


Fonte: Acervo Pessoal das autoras, [2024], [UNIRIO].



Na primeira aula do curso, no dia 03/08 de 2024, a dança estreou com o samba, como já sinalizado acima. O professor Wallace pergunta aos participantes: Como você prepara seu corpo para o dia de aula? Como é o chão que você pisa cotidianamente? Uma das participantes, cursista 1, narra de modo emocionado que “às vezes a gente se machuca no chão e às vezes o chão machuca a gente”, tendo aprendido que é preciso escolher como se quer pisar nesse chão, e mais, “hoje eu descobri que meu corpo está vivo”, pois naquele movimento de se conectar com a dança e com a música, o corpo se estesiou no coletivo, o corpo reagiu ao convite de sair de um estado de anestesia, automatismo e se extasiar, sentir. “Acho que samba é identidade... me reconectei com meu corpo”. Que espaços são esses que desconectam os corpos? E como a arte em suas múltiplas linguagens pode potencializar a religação do corpo vivo e orgânico? Um corpo que sangra, dói, sente, se manifesta e acontece. As/os cursistas têm nos dado pistas de que a arte mobiliza sentidos e provoca reconexão com um estado de presença que não estão tendo em seus espaços de trabalho e em formações que primam por outras epistemologias.

O professor Wallace afirma que o “samba precisa ser entendido como intimidade e acesso ao próprio corpo”. Um movimento que convida à intimidade cotidiana que permite acesso ao corpo, conhecer, sentir, se conectar, se estesiar, perceber-se inteiro/inteira. Nesse processo, a religação pode ser uma abertura, uma fresta para o (re)encantamento, pois como relata a cursista 2: “Cheguei com baixo encantamento... desencanto... rotina engessada... saí energizada... samba é uma força para energizar... levantar o rosto... as crianças nos ajudam a manter esse encantamento”. Rufino e Simas (2020) colocam que o encantamento é uma política plantada às margens, nas bordas, borrando os contornos, que busca os princípios de comunidade e rito; que luta cotidianamente contra uma política perversa que insiste no “extermínio e [na] subalternização secular de princípios comunitários e de práticas rituais contrárias ao padrão dominante” (2020, p. 15), sendo estes os componentes da mortandade e desencantamento do mundo.



Referências

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma única história**. Canal do TEDx no YouTube, 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br#t-9779. Acesso em: fev. 2025.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência**: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: AYVU, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.

LONGAREZI, Andrea Maturano; SILVA, Jorge Luiz da. Pesquisa-formação: um olhar para a sua constituição conceitual e política. **Revista Contrapontos** – Eletrônica, v. 13, n. 3, set-dez 2013, p. 214-225.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

NÓVOA, António. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. **Revista de Educación**, n. 350, p. 205-218. Ministerio de Educación, Cultura y deporte español, 2009.

RUFINO, Luiz. **Ponta-cabeça**: educação, jogo de corpo e outras mandigas. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.